



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU
ESPECIALIZAÇÃO EM EJA**
Campus Nilópolis

Ana Claudia de Araujo

**OFICINAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES EM EJA: TROCAS
E CONSTRUÇÕES DE SABERES**

Nilópolis
2017

Ana Claudia de Araujo

OFICINAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES EM EJA: TROCAS E CONSTRUÇÕES DE SABERES

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, Campus Nilópolis-RJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Especialista em Educação de Jovens e Adultos.

Orientadora: Prof^a. Dra. Sandra Viana da Silva
Coorientador: Prof. Ms. Rony Pereira Leal

Nilópolis/RJ
2017

Ana Claudia de Araujo

OFICINAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES EM EJA: TROCAS E CONSTRUÇÕES DE SABERES

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, Campus Nilópolis-RJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Especialista em Educação de Jovens e Adultos.

Data de aprovação: de dezembro de 2017.

Prof.^a Dra. Sandra da Silva Viana
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro – IFRJ

Prof. Me. Rony Pereira Leal
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense – IFF

Prof. Dr. Jupter Martins de Abreu Junior
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro – IFRJ

Prof.^a Dra. Ana Paula Abreu Moura
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Nilópolis/RJ
2017

Dedicatória

Dedico este trabalho ao Patrono da Educação Brasileira,
Paulo Reglus Neves Freire, o homem que fez a “Educação com paixão e com a verdade! ”

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao meu marido, Rafael Leite meu amigo, amor e companheiro há 18 anos, às minhas filhas Anna Carolina Araujo e Marianna Araujo, lindas, meninas mulheres, guerreiras, orgulhos da mamãe.

À minha madrinha Maria Araujo, que sempre esteve ao meu lado, à minha mãe que por causa do Alzheimer esqueceu-se de todos.

Ao meu pai que partiu tão cedo deixando muitas saudades.

Aos meus três filhos adotados de quatro patas, Luna Maria, Gato Netuno e Ariel que transformam minha vida numa loucura.

Ao meio ambiente e todas outras as espécies que vivem nele, precisamos aprender a respeitá-los.

À Sandra Viana e ao Rony Leal e todos os professores da Pós-graduação em EJA pelos debates proporcionados em sala de aula que nos proporcionaram trocas enriquecedoras.

Aos colegas da Pós, uma turma tão plural e mesmo assim unida pelo carinho e respeito mútuo.

Aos Bons da EJA, Luana Machado, Alcicléa Santos, Tiago da Silva, Antônio Lima e Anselmo Saldanha, amigos, irmãos, camaradas, não existe dia ruim ao lado de vocês.

À Natália Ferreira, Carla Reis e Isabel Pereira, amigas, parceiras nos momentos das alegrias e das tristezas.

À Ana Paula Moura, exemplo de força e militância, bendito dia em que te conheci e fui trabalhar com você.

Aos educandos e amigos do Programa Integrado da UFRJ para Jovens e adultos EJA, amo vocês!

Ao projeto Oficinas Pedagógicas Interdisciplinares em EJA que entre lágrimas e sorrisos me fez perceber o quanto sou capaz.

Enfim, muito obrigada a todos que me apoiaram nessa jornada!

Oficinas Pedagógicas Interdisciplinares em EJA: Trocas e Construções de Saberes

Resumo:

O presente projeto apresenta uma proposta de estudo que buscou descrever, analisar e refletir, tendo informação como base a vivência da autora que narra a criação e a trajetória das Oficinas Pedagógicas Interdisciplinares em EJA, desenvolvidas no âmbito do Programa Integrado da UFRJ para Jovens e Adultos. A partir de seu desenvolvimento, busca-se apresentar contribuições metodológicas que venham a atender as diferentes especificidades dos sujeitos envolvidos no fazer pedagógico. O desenvolvimento do relato se dá através de uma reflexão que viabiliza a importância da extensão e a concretização do Programa, uma revisão literária de temas relativos à temática da EJA, tendo como aporte principal a filosofia educacional proposta por Freire e a análise dos processos de elaboração e viabilização das Oficinas Pedagógicas Interdisciplinares em EJA, na qual terá especial importância as reflexões da supervisora como pesquisadora/participante do projeto.

Palavras-chave: Oficinas pedagógicas em EJA; práticas reflexivas; relato de experiências; troca de saberes; formação de formadores.

Abstract:

The present project presents a proposal of a study that sought to describe, analyze and reflect, having information as a basis the experience of the author that narrates the creation and trajectory of the Interdisciplinary Pedagogical Workshops in EJA, developed under the Integrated Program of UFRJ for Youth and Adults . From its development, it is tried to present methodological contributions that come to attend the different specificities of the subjects involved in the pedagogical doing. The development of the report takes place through a reflection that makes possible the importance of the extension and the accomplishment of the Program, a literature review of themes related to the EJA subject, having as main contribution the educational philosophy proposed by Freire and the analysis of the elaboration processes and feasibility of the Interdisciplinary Pedagogical Workshops in EJA, in which the reflections of the supervisor as researcher / participant of the project will be of special importance.

Keywords: Pedagogical workshops in EJA; reflective practices; reporting of experiences; exchange of knowledge; training of trainers.

¹Bacharel e Licenciada em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Pós-graduanda em Educação de Jovens e Adultos no Instituto Federal do Rio de Janeiro – IFRJ.

1 Introdução

O educador que escuta aprende a difícil lição de transformar.
Paulo Freire

O presente projeto apresenta como proposta de estudo a análise do processo de elaboração e o acompanhamento da trajetória das Oficinas Pedagógicas Interdisciplinares em EJA, desenvolvidas no âmbito do Programa Integrado da UFRJ para Jovens e Adultos.

Para tal, busca, a partir do relato de experiências, sobretudo do olhar sensível da autora como pesquisadora/participante apresentar contribuições metodológicas que venham a atender as diferentes especificidades dos sujeitos envolvidos no fazer pedagógico, analisando seus efeitos sobre a supervisora/ autora do projeto.

As Oficinas pedagógicas em EJA é o mais recente projeto do Programa Integrado da UFRJ para Jovens e Adultos, que segundo Moura (2013, p.67), surgiu por iniciativa da Pró-reitora de Extensão - PR5, com intuito de atender prioritariamente às demandas apresentadas pelos moradores do bairro da Maré, atuando junto a comunidades periféricas da cidade do Rio de Janeiro.

Esta pesquisa destaca a extensão universitária como fato e direito, uma revisão da literatura de temas relativos à temática EJA e através do relato da autora a elaboração e viabilização das Oficinas Pedagógicas Interdisciplinares em EJA.

2 Extensão Universitária: um fato e um direito

Torna-se essencial evidenciar tanto a importância da extensão universitária como um fato e um direito para aquele que busca qualificação na formação acadêmica e profissional, no estudo contínuo em seu aprimoramento curricular e que estes dialoguem com as realidades da sociedade brasileira atual quanto em como a extensão concretizou o Programa Integrado da UFRJ para Jovens e Adultos e seus projetos.

A extensão universitária, segundo o FORPROEX - Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições de Educação Superior Brasileira, (1987, p.15), “é o processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre a Universidade e Sociedade.”

A Extensão é uma via de mão-dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade de elaboração da praxis de um conhecimento acadêmico. No retorno à Universidade, docentes e discentes trarão um aprendizado que, submetido à reflexão teórica, será acrescido àquele conhecimento. Esse fluxo, que estabelece a troca de saberes sistematizados, acadêmico e popular, terá como consequências a produção do conhecimento resultante do confronto com a realidade brasileira e regional, a democratização do conhecimento acadêmico e a participação efetiva da comunidade na atuação da Universidade. Além de instrumentalizadora deste processo dialético de teoria/ prática, a Extensão é um trabalho interdisciplinar que favorece a visão integrada do social. (FORPROEX– Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições de Educação Superior Brasileira, 1987, p.15).

Nesse sentido, segundo Moura (2013), a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão têm proporcionado um diálogo direto entre a universidade e a sociedade, assim, os saberes teóricos e os saberes práticos dialogam de acordo com as necessidades reais da sociedade atual. Condições que proporcionam nos aproximar mais às nossas realidades e carências voltadas ao nosso meio social.

Para a autora (2017), o diálogo que a extensão proporciona através de seus programas e projetos, causa uma ruptura dos muros que separam as universidades da sociedade, estabelecendo a dialogicidade, que revigora seus saberes acadêmicos com os saberes práticos e, também, favorecendo a sociedade com ações transformadoras.

Nesse sentido, corroboro com o entendimento que a extensão propõe através da dialogicidade uma construção de conhecimentos que proporciona a todos os sujeitos envolvidos reflexões transformadoras para o meio social.

Segundo Paulo Freire (1985), é a prática da dialogicidade que motiva o não invadir ou manipular os indivíduos. Isto significa que um “método teórico” jogado num determinado grupo sem a compreensão das necessidades dos educandos, como diz Freire (1985), é “sloganizar”, é transformar em “seres para outro” por homens que são falsos “seres para si”.

O diálogo é o encontro amoroso dos homens que, mediatizados pelo mundo, o “pronunciam”, isto é, o transformam, e, transformando-o, o humanizam para a humanização de todos. Este encontro amoroso não pode ser, por isto mesmo, um encontro de inconciliáveis. (FREIRE, 1985, p.28)

Por isso, a extensão é um espaço em que nos proporciona a prática da dialogicidade com as realidades sociais. Parafraseando Freire (1985), esse confronto com o mundo concreto, nos afasta dos “verbalismos vazios” nos humanizam e, conseqüentemente, humaniza o mundo.

2.1 O Programa Integrado da UFRJ para Jovens e Adultos

Vale destacar que foi através da Extensão Universitária, tendo como informação com base dos relatos de Moura (2013:2017) que a EJA passa a fazer parte das ações extensionistas. A partir da criação do Programa Institucional de Bolsas de extensão - PIBEX para estudantes de graduação.

No que toca à EJA historicamente, a extensão universitária tem sido uma porta de entrada para a Educação de Jovens e Adultos na academia. A experiência de EJA, que teve maior repercussão nacional e internacional. Foi realizada pela Universidade Federal de Pernambuco, na cidade de Angicos, e teve como responsáveis o educador Paulo Freire. A partir dessa experiência, a EJA, que já começava a figurar no cenário nacional, ganha maior visibilidade (Moura: 2017, p.125).

Segundo Moura (2013) “O programa surgiu a partir de uma solicitação de representantes de moradores do bairro Maré, que mobilizados pelos dados do Censo Maré 2000, que indicava um grande índice de analfabetismo entre os moradores do bairro”, assim, a Universidade estabeleceu um diálogo com as comunidades, adotando a perspectiva dialógica proposta por Freire (1987), que estimula as trocas mútuas de saberes e ressalta a importância do educando ser um sujeito participante no processo de ensino-aprendizagem.

A autora relata que a Pró-Reitoria de Extensão – PR5, no ano de 2004 articulou com quatro unidades acadêmicas: Escola de Serviço Social, Faculdade de Educação, Faculdade de Letras e Instituto de Matemática. A partir dessa ação o Programa de extensionistas é criado.

A princípio, o Programa atuava dentro da UFRJ com o projeto: Alfabetização de Jovens e Adultos de Espaços Populares e Formação de alfabetizadores no setor DIUC - Divisão de Integração Universidade Comunidade. Segundo a Pró-Reitoria da UFRJ - o local é um espaço em que acontecem diálogos entre universidade e sociedade, ou seja, onde as organizações sociais (projetos e programas) possam apresentar suas demandas.

Atualmente, o Programa atua em espaços cedidos por ONGs, Igrejas e Associações nas comunidades da Maré, Parada de Lucas, Vila Residencial (Divinéia) e nas áreas periféricas da cidade do Rio de Janeiro, Ilha do Governador e Ramos.

O Programa, ressalta Moura (2013:2017), é coordenado pela Faculdade de Educação, traz uma perspectiva interdisciplinar, com referencial teórico da educação popular e a filosofia

de Paulo Freire, já que envolve diferentes áreas do conhecimento no atendimento às comunidades do entorno da Cidade Universitária.

Conforme o Programa foi articulando com as outras universidades e, mais tarde, com a Faculdade de Educação Física e Desportos, outras atividades envolvendo o campo da cultura ocorrem, além dos projetos: Alfabetização de Jovens e Adultos de Espaços Populares; Formação de alfabetizadores, hoje, o Programa realiza com mais (seguintes projetos: Novos experimentos no campo da Cultura; Educação Física e Saúde, Biblioteca Itinerante; Núcleo de Pesquisa e Extensão Universitária em EJA; Oficinas Pedagógicas Interdisciplinares em EJA.

Nossas atividades criam ações que constroem diálogos de acordo com o “planejamento educacional da EJA”, ou seja, um ensino de qualidade, que busca atender aqueles que estão em condições de direitos negados, isto significa, nas palavras de Gadotti (2014. p.21) que a proposta da EJA viabiliza os excluídos dos excluídos, ou seja, que todos sejam atendidos com atenção pedagógicas, sem distinção, com metodologias diferenciadas e específicas, isso significa que não se faz (Freire,2010, p.18) uma concepção crítica através uma alfabetização mecânica, apenas palavras pelas palavras.

3 As plantas medicinais no cotidiano dos alunos

Neste tópico descreverei a experiência vivida como pesquisadora do *Núcleo de Pesquisa e Extensão Universitária em EJA* do Programa Integrado da UFRJ para Educação de Jovens e Adultos. No mês de julho de 2015, a fim de desenvolver e apresentar um trabalho para o evento SIAC/UFRJ - um espaço que proporciona anualmente apresentações e discussões dos trabalhos de ensino, pesquisa e de extensão desenvolvidos pelos Programas e Projetos da UFRJ - junto a dois alfabetizadores, sendo um alfabetizador da turma da Vila do João graduando em Biologia, e outra alfabetizadora da turma de Ramos, graduanda em Letras e a supervisora das duas turmas, na época, estudante de pós graduação - *latu sensu* - em Educação para Jovens e Adultos no IFRJ, iniciamos um trabalho intitulado “ *As plantas medicinais no cotidiano dos educandos da EJA*”.

O trabalho se desenvolveu com os educandos das turmas Vila do João e de Ramos durante três meses, tendo como eixo norteador, Freire (2002) que propunha aos educadores como prática pedagógica, o respeito aos saberes dos educandos. Assim, usamos como tema “plantas medicinais”, que já era conhecimento prévio dos nossos alunos.

Com a ajuda de um dos alfabetizadores, graduando em biologia, podíamos nos aprofundar no assunto de forma mais científica, pesquisando juntos sobre as plantas medicinais que os alunos costumavam manusear.

É interessante relatar um dos passeios educativos parte integrante de uma aula prática agendada no Jardim Botânico. Lá estudamos todo o conteúdo através de um conceito interdisciplinar, envolvendo as disciplinas de língua portuguesa, matemática e biologia a partir do gênero receita já que em alguns espaços cedidos pela Ação Comunitária do Brasil, (local onde a turma Vila do João atua) apresentava uma horta suspensa que proporcionava o preparo de sucos e chás das plantas estudadas.

A possibilidade que têm os seres humanos de atuar sobre a realidade objetiva e de saber que atuam, de que resulta que a tomam como objeto de sua curiosidade, a sua comunicação mediatizada pela realidade, por meio de sua linguagem criadora, a pluralidade de respostas a um desafio singular, testemunham a criticidade que há nas relações entre eles e o mundo. (FREIRE, 2010, p.78)

Nessa perspectiva, durante todo o processo do trabalho, a troca enriquecedora de experiências entre todos os sujeitos envolvidos foi uma “prática embasada nas realidades”, dos nossos educandos, à medida que se envolviam, tornavam-se mais participativos e autônomos, construindo consciências críticas e tornando-os protagonistas do processo de aprendizagem.

Contudo, os alunos encontraram dificuldades no reingresso escolar, segundo os mesmos, por causa da rigidez dos horários não compatíveis com suas vidas pessoais, a distância entre suas casas e a escola, e, principalmente, nas inseguranças diante do novo cenário escolar, que muitas vezes são Programas falhos dentro do conceito da EJA “no tratamento didático”, causando desestímulo, fato este, que segundo Gadotti (2014, p.21), se constitui como um grande equívoco metodológico em muitos Programas de EJA e que esses afugentam muitos jovens e adultos, tornando o ensino desinteressante e desconfortável em um currículo centrado no domínio da cultura letrada.

Para o aluno trabalhador, a decisão de retomar os estudos ou, de inicia-losexige um replanejamento de sua vida, de seus horários. Trata-se de uma decisão que produz muitas mudanças no seu cotidiano: na rotina de trabalho, nos horários de deslocamento, nas relações familiares. Para ele não desistir, as condições precisam ser garantidas, oferecendo um ambiente estimulador, atividades desafiadoras conectadas aos contextos socioculturais dos educandos, garantindo espaço para a reflexão crítica, autonomia, a criatividade. (GADOTTI, 2014, p.24)

A partir do olhar sensível, com a dificuldade do re(inserção) dos sujeitos participantes das ações de alfabetização nas redes regulares de ensino dos alunos da Vila Residencial e das ações do trabalho desenvolvido com as turmas da Vila do João e de Ramos sobre as plantas medicinais que resultaram construções e diálogos entre os sujeitos envolvidos no trabalho pedagógico, a coordenação do Programa inicia um planejamento metodológico para o desenvolvimento de um novo projeto para o Programa que atendesse as especificidades dos alunos da Vila e que a proposta construísse novos aprendizados a todos os sujeitos envolvidos.

4 Oficinas Pedagógicas em EJA: a interdisciplinaridade a partir do diálogo e da troca de saberes

A proposta do projeto Oficinas pedagógicas interdisciplinares em EJA do Programa Integrado da UFRJ para Jovens e Adultos reflete sobre a atuação dos sujeitos no fazer pedagógico. Com isso, podemos compreender em como os atores envolvidos não estão apenas levando conhecimento, mas estão em constante construção e desconstrução durante o processo de ensino/aprendizagem.

Neste sentido, o projeto atua em consonância com a teoria desenvolvida por Freire (2002), que defende que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Visto isso, as ideias iniciais das Oficinas pedagógicas em EJA partiram da perspectiva da valorização, do estímulo e do desenvolvimento dos saberes dos educandos com temas relacionados aos seus cotidianos, trazendo-os para sala de aula através de atividades interdisciplinares, proporcionando aos sujeitos envolvidos, segundo o autor, uma educação democrática a partir de curiosidades críticas e insubmissas.

Ainda dialogando com Gadotti (2014), as oficinas foram elaboradas tendo como princípio os saberes populares não descontextualizam os saberes científicos, mas articulam entre si quando esses fazem sentido para os educandos. O autor defende a ideia de Freire quando afirma que os saberes primeiros e o saberes sistematizados têm relevâncias sociais e culturais.

Antes de conhecer, o sujeito “se interessa por”, “é curioso de”. Isso o leva a apropriar-se do que a humanidade já produziu historicamente. No processo de construção do conhecimento, passa-se da curiosidade ingênua à curiosidade epistemológica. (GADOTTI, 2014, p.18)

Partindo da filosofia educacional de Freire, o projeto constrói não só pontes entre os saberes populares e científicos, mas traz para eles perceptivas interdisciplinares, a fim de proporcionar contribuições aos sujeitos envolvidos que os levem cada vez mais a percepções questionadoras e investigativas.

Interdisciplinaridade é uma nova atitude diante da questão do conhecimento, de abertura à compreensão de aspectos ocultos do ato de aprender e dos aparentemente expressos, colocando-os em questão. Exige, portanto, na prática uma profunda imersão no trabalho cotidiano. (FAZENDA, 2002.p11)

Nesse sentido, o conceito de interdisciplinaridade atua no espaço como um conector de indivíduos, levando-os ao diálogo e a pesquisa constantemente, tornando-os questionadores das coisas, rompendo a ideia de que as verdades são absolutas e que já estão prontas nos esperando.

A investigação interdisciplinar por nós praticada, diferentemente de outros procedimentos de pesquisa, não se baliza por métodos, mas alicerça-se em vestígios. Os vestígios apresentam-se ao pesquisador não como verdades acabadas, mas como lampejos de verdade. Cabe ao investigador decifrar e reordenar esses lampejos de verdade para intuir o que seria a verdade absoluta, total, os indícios do caminho a seguir. (FAZENDA, 2002.p22)

Nessa perspectiva mais uma vez recorro a Freire (2010), que destaca que há sempre algo mais oculto, e para compreendê-lo precisamos investigá-lo “desembaraçando-o” das impressões e tornando-o mais real e humanizador. Para isso, a prática dialógica em contexto com as realidades possibilitará aos educandos reflexões sobre o que investigam. Segundo o autor a teoria dialógica da ação é uma das conotações principais do caráter cultural e pedagógico da evolução que se relaciona como as questões de ensino/aprendizagem, embasado nas experiências que possibilitam a libertação dos sujeitos. Daí a importância de um ensino de forma interdisciplinar, visto que, as oficinas primam pelo princípio de construção de práticas educativas que proporcione aos sujeitos aprendizes sentidos significativos das coisas, de tal forma que investigar, questionar e refletir se tornem estratégias motivadoras para a libertação do ser humano.

4.1 Planejar oficina é construir junto

Mesmo correndo risco de parecer repetitiva, recorro novamente a Freire (1987), agora em sua obra clássica “Pedagogia do Oprimido” para destacar o processo educativo com o aluno e não **para** o aluno, pois o espaço escolar tem como objetivo levar os indivíduos a refletirem sobre a importância da educação para a sociedade e o que eles representam socialmente. Nesse sentido, posso inferir que as oficinas pedagógicas, objeto de estudo deste trabalho, apresentam-se como uma prática capaz de educar para a cidadania, além de possibilitar o resgate da memória cultural e afetiva, pois muitas vezes o aluno Jovem e Adulto afirma não apresentar saberes, devido a uma trajetória de vida cercada de obstáculos.

A partir de agora passo a descrever um pouco melhor as oficinas, segundo Vieira (2002), a oficina é um ambiente onde todos contribuem a partir de suas experiências, ou seja, é um ambiente democrático, de trocas de saberes.

Elas tiveram início em 2016, com duas supervisoras da pós-graduação em EJA, e eu tive a oportunidade de assumir a função de orientadora acadêmica teórica e prática de 13(treze) oficinairos, extensionistas do Programa, todos graduandos da Universidade Federal do Rio de Janeiro, das áreas da Biologia, Gastronomia, Letras, Matemática e Pedagogia responsáveis em ministrar as aulas.

As Oficinas têm 2 (dois) encontros semanais com as turmas do Programa, porém, a turma da Vila Residencial apresenta um diferencial - os encontros acontecem 2(duas) vezes na semana e as atividades são extracurriculares, para que não desestimulem na reinserção escolar (os educandos da Vila estão inseridos em outros espaços escolares).

O novo projeto, Oficinas pedagógicas interdisciplinares em EJA, ainda como uma folha em branco, tinha como ponto de partida a ação libertadora de Freire (1987). Segundo o autor, ela só acontece quando os sujeitos agem em comunhão, e isso requer prática com uma pedagogia humanizadora através de uma ação dialógica permanente. O autor analisa que não há compromisso com libertação quando o educador considera o educando “vazio” de conhecimentos e precisa “enchê-lo” de conteúdo.

Na medida em que os alfabetizados vão organizando uma forma cada vez mais justa de pensar, através da problematização de seu mundo, de análise crítica de sua prática, poderão atuar cada vez mais seguramente no mundo. (FREIRE,2010, p.23)

Assim, a supervisão desenvolve um planejamento cuja intenção era instigar diálogos reflexivos nos sujeitos da EJA. Recorrendo também a análise de Silveira (2007) que afirma que é preciso direcionar nossos olhares para o cotidiano, a fim de que se possa perceber a diversidade cultural presente neste cenário e, também, refletindo através das palavras de Fazenda (1998, p.18), nas questões interdisciplinares planejar é necessário, mas prever em quantidade ou intensidade o resultado não, já que a interação nos permite gerar novos conhecimentos.

As atividades foram desenvolvidas nas turmas por módulos, cada módulo apresenta seis aulas, para isso, é preciso que haja uma pesquisa diagnóstica da turma destino e troca de informações com as outras equipes, tanto da alfabetização que tem um convívio diário com os alfabetizando e criam laços afetuosos com eles, podendo traçar com mais detalhes as necessidades deles com a equipe de pesquisa (NUPEEJA) que estuda a escrita dos alunos do Programa.

A partir do diagnóstico feito, os graduandos se reúnem com a supervisão a fim de decidir a aula intitulada como “aula tema”, que se relaciona ao cotidiano daquele meio com alguma prática, por exemplo, reciclagem e reaproveitamento, plantios, construções artesanais de minhocários e composteiras, incluindo atividades culturais. Essas “aulas temas” são embasados em textos históricos, científicos e informativos que precisam ser pesquisados e reescritos adequadamente pelos graduandos para os nossos alfabetizando com aulas ilustrativas.

As 5 (cinco) aulas restantes se desenvolveram a partir da dialógica que acontece na aula 1 (um), assim, procuramos nos afastar do cenário de uma sala de aula, em uma condição “bancária”, que segundo Freire (1987) é o lugar onde o educador “enche” o educando de conteúdo, muitas vezes descontextualizados com suas realidades, de forma autoritária. Compreendemos que nossas Oficinas “remam em um lado contrário desse rio”, pois nossas atividades além de proporcionar diálogos horizontais a todos os envolvidos, são feitas em roda, envolvem jogos educativos relacionados ao conteúdo. O autor ao dizer que os sujeitos se educam entre si, mediados pelo mundo, enfatiza que os saberes são trocas e que crescemos juntos quando nos educamos juntos. Ou seja, através da prática da dialogicidade, quando se faz horizontal, garante ao ensino/aprendizagem uma perspectiva transformadora e positiva.

Toda essa abordagem é árdua, exige de todos os sujeitos envolvidos do projeto, o comprometimento com a prática da dialogicidade na horizontalidade. A escuta sensível é tarefa

principal para que possamos transformar o espaço escolar em lugar mais democrático e libertador.

Se, na verdade, o sonho que nos anima é democrático e solidário, não é falando aos outros, de cima para baixo, sobretudo, como se fôssemos os portadores da verdade a ser transmitida aos demais, que aprendemos a *escutar*, mas é *escutando* que aprendemos a *ferir com eles*. Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala *com ele*. Mesmo que, em certas condições, precise de falar a ele. (FREIRE, 2002, p. 43)

A partir dessas ideias, produz-se um novo olhar que contribui para o fortalecimento das práticas em curso, a interdisciplinaridade consolida a “quebra do ensino fragmentado” dos nossos educandos e podemos partir de assunto comum a todos, experimentando juntos para a ampliação de novas experiências, construindo novos saberes.

4.2 “ Um jeito diferente de aprender”

No primeiro dia das Oficinas, em uma das turmas do Programa, cheguei com 2 (dois)icineiros, graduandos em Letras e Biologia para iniciarmos o tema: Flor de Camomila (*Matricaria chamomilla*), já que os alunos dessa turma tinham grande familiaridade com plantas medicinais. Para essa aula, fizemos uma mesa de chá. Quando os nossos educandos chegaram, um deles me olhou e disse: “— *Professora, a senhora me desculpe, mas eu não quero esse tipo de aula não! Eu quero estudar português e matemática, não preciso dessas coisas não. Lá na outra escola, eu já tenho o que preciso, vim aqui só para cumprimentar vocês, não vou ficar não, tudo bem?* ”

Nesse momento, disse que estava tudo bem, que entendia, que não ficaria chateada, mas pedi para que pelo menos ele ficasse naquele dia, só para conversarmos um pouco durante o chá. Muito educado, aceitou, sentou-se à mesa e iniciamos a oficina.

Começamos a dialogar sobre a flor de camomila e seus benefícios, os alunos relataram todos os seus conhecimentos respectivos a flor e como suporte teórico levamos a origem da planta.

A partir das experiências dos alunos, iniciamos as 5 (cinco) aulas restantes. Nessa oficina, trabalhamos o gênero textual receita. Durante as confecções das receitas, estudamos proporções e medidas. No plantio, tipos de solo e no descarte das sobras, o seu reaproveitamento. No último dia, fizemos o Bingo das Palavras da Oficina Flor de Camomila.

Então, o aluno veio até a mim e falou: “— *Professora, não acabou não, né? Quando começaremos as próximas aulas? Foi muito bom, eu aprendi português, matemática.* ”

Os Oficineiros completaram dizendo que tínhamos juntos estudado história, geografia e biologia também e o aluno respondeu: “— *Sim, de um jeito diferente, mas eu gostei muito!* ”

Para o educando, “*de um jeito diferente*” significa que não estudou as disciplinas português, matemática, história, biologia e geografia de ordem sistematizada (sentar em seu lugar, abrir o caderno, copiar e receber as informações sobre assuntos distanciado a sua realidade). Nas palavras de Freire (1987. p.47) para o pensar ingênuo, o importante é a acomodação a este hoje normalizado. Isso não quer dizer que a acomodação seja por preguiça, mas sim, porque é assim que vê a escola e o mundo que o coloca numa posição de submissão e aceitação. Tanto que se sentiu desconfortável ao chegar em sala de aula e se deparar com uma mesa de chá, chegando a expressar decepção, quando disse “esse tipo de aula”.

Coube a mim, na função mediadora, naquele momento, estabelecer um diálogo gentil e respeitoso com o aluno, que o deixasse confortável para decidir se gostaria de ficar ou não, mas sem intenção de persuadi-lo. Lembro que ao abraçá-lo, sorri e disse: “ — *Está tudo bem! O senhor não precisa ficar, mas poderia pelo menos ver como é, caso não se sinta confortável com a oficina, todos nós vamos entender, porém, como vai saber se gostou se não experimentou?* ”. Não foi fácil perceber que poderia perder o aluno naquele momento, mas impor sua permanência me colocaria numa condição de opressora. Como educadora não poderia negar ao aluno o direito da palavra e da liberdade. Então, o caminho foi buscar através do diálogo amoroso, o seu experimento com aquele cenário novo de construção de ensino/aprendizagem partilhado por todos nós, para que construíssem pensar crítico sobre a oficina.

5 Considerações finais

Com as experiências vividas no projeto Oficinas desde a sua criação, pude perceber em como a educação popular, segundo a filosofia de Freire, pode se tornar um instrumento transformador aos sujeitos envolvidos.

A proposta desde os primeiros planejamentos proporcionou aos educandos das oficinas diálogos e debates que construíram conhecimentos a partir de suas realidades. Trabalhamos as

aulas com ideias interdisciplinares, onde proporcionamos aos sujeitos envolvidos “um crescer juntos”.

As oficinas foram desenvolvidas em rodas, proporcionando aos Oficineiros e aos educandos trocas de saberes, tornando todos protagonistas, ora como sujeitos aprendizes ora ensinando.

Ao proporcionarmos um ensino/aprendizagem mais humanizado, onde através do olhar, da escuta sensível e da valorização dos saberes “primeiros” discutidos de forma democrática e na horizontalidade, os novos saberes não se constroem só para contribuir no processo de conhecimento escolar, mas também, uma consciência crítica capaz de modificar um meio.

A proposta de trabalho com oficinas pedagógicas reforça a ideia de que os profissionais da educação precisam contemplar as singularidades dos sujeitos da EJA, precisamos buscar através das formações continuadas, referenciais teóricos a fim de estabelecer um ambiente favorável aos educandos. Tendo em vista as pesquisas teóricas realizadas, se fez importante aproximá-los de novas possibilidades educacionais através de uma metodologia contextualizada e significativa.

Anexo 1: Registros fotográficos das Oficinas Pedagógicas Interdisciplinares em EJA.



Anexo 4: Algumas atividades que constroem novos saberes a partir dos saberes dos nossos educandos.



NO BRASIL, A CULTURA DO CHÁ TEVE INÍCIO NOS ARREDORES DO RIO DE JANEIRO

EXISTEM NOTÍCIAS DE TER SIDO PLANTADO EM 1914, EM VASTA ÁREA DA ILHA DO GOVERNADOR, NA FAZENDA SANTA CRUZ E NO HOJE JARDIM BOTÂNICO DO RIO DE JANEIRO, TENDO D. JOÃO CONTRATO, PARA ISSO, COLONOS CHINESES A FIM DE ENSEINAVAM O PLANTIO E PREPARAÇÃO DO CHÁ, MUITOS DELES, ENTRETANTO, ABANDONARAM AS PLANTAÇÕES E PASSARAM A SER VENDEDORES AMBULANTES.





É POSSÍVEL QUE A ESPÉCIE TENHA SE ORIGINADO NOS ALGOS DE CHÃO-VERDE E, NOS PERÍODOS DE INVERSO, SE TENHA ESPALHADO NO MUNDO, POR AVIÃO E NA ÁGUA.







A BANDEIA É UMA PLANTA QUE TEM FOLHAS TRIANGULARES, SPICULAS SUCESSIVAS, ORÇADA DE DORNOS EM SERRAVAL, FLORES PUXALADES VERMELHAS, FOLHAS EM CACHO.



A FOLHA DE BANDEIA É CAPAZ DE CURTIR NO SEU INTERIOR UM LIQUIDO CLARO, HIBRIDO EM COLORE SEMELHANTE A UMA SOLUÇAO.



UM DOS PRINCÍPIOS DESE DA BANDEIA É ALUMINIO E NUNCA NA DORNADA DA PELE COMO SEJA QUE TENHA SEU INTERIO.

SEJA PLANTA COMA COM PROPRIEDADES OCUTRANTES, ANTIOXIDANTES E HEMOSTÁTICAS.

AMALAPROCHAMOS OS SEUS BENEFÍCIOS BASTA RECEBER O SEU E APLICAR NA PELE SENDO CUIDADO CUIDADO, PORQUE SEMPRE É BOM CUIDAR DO SEU CORPO E DO SEU PRODUTO NATURAL SÃO E RECOMENDAVEL INSERIR O SEU USADO SEM ANTES CONSULTAR UM PROFSSIONAL DA BICA DA SAUDE.

A BANDEIA É UM CARIÓTIPO HIBRIDO DE 2 INDIVÍDUOS PLANTA BRASILEIRA E COMETICA COMPOSTO BASTANTE EM FOLHAS ESPESAS DATADA DE 2000 ANOS ANTES DE CRIAR.






O FIBROSA É UMA PLANTA AQUÁTICA, BASTA CLAREAR O SEU ALTO EM BARRAGEM DO RIO NUNCA, OS SUPORTOS DE BARRAGEM E TÉCNICA DE FIBRAS FOLHAS PARA QUE SEJA CUIDADO ESPECIAL RESISTÊNCIA AO CONTATO DO BARRAGEM E FOLHAS EM ALTERNATIVA DO COMÉRCIO E BARRAGEM.



REFERÊNCIAS

BRASIL. Parecer CEB/CNE nº 11/2000: diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Brasília, 2000.

FAZENDA, Ivani. Dicionário em construção: interdisciplinaridade. 2ª.ed. São Paulo: Cortez, 2002.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS. Plano Nacional de Extensão Universitária. Ilhéus: Editus, 2001. (Coleção Extensão Universitária; v.1).

_____. Política Nacional de Extensão Universitária. Manaus: AM, 2002.

_____. Indissociabilidade entre Ensino-Pesquisa-Extensão e a Flexibilização Curricular: uma visão da extensão –Texto preliminar. Anais do XVIII Encontro Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. Florianópolis: UFSC, Pró-Reitoria de Cultura e Extensão, 2002. p:118-144.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 25ª.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

_____. Pedagogia do oprimido. 17ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. Educação como prática de liberdade. 13ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

_____. Extensão ou Comunicação? 8ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

GADOTTI, Moacir. Por uma política nacional de educação popular de Jovens e adultos. 1.ed. São Paulo: Moderna: Fundação Santillana, 2014.

MOURA, Ana Paula Abreu; SERRA, Enio. (Orgs.) Educação de jovens e adultos em debates.1.ed.Jundiaí, SP:Paco, 2017.

MOURA, Ana Paula Moura de Abreu Costa de – Processos formativos em educação de jovens e adultos presentes na extensão universitária. p. 67 de 77. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/index.php/rle/article/viewFile/16165/9237>. Publicado em maio 2013. Acesso em 12/02/2014.

SILVEIRA, Maria Lidia Souza da (Org.). Educação Popular e leituras do mundo: distintos registros de experimentos educativos junto às classes populares. Rio de Janeiro: UFRJ, Pró-reitoria de Extensão, 2007.

VIEIRA, Elaine, VALQUIND, Lea. “Oficinas de Ensino: O quê? Por quê? Como? ”. 4º ed. Porto Alegre. EDIPUCRS, 2002.